

CONSIDERAÇÕES SOBRE INSPIRAÇÃO BÍBLICA*

*Jones Talai Mendes
Eduardo da Silva Santos*

Resumo

Este artigo estabelece, em linhas gerais, algumas considerações sobre a problemática teológica do conceito de inspiração. Busca a adução de três tendências gerais, que, com maior ou menor intensidade, se apresentam, quando o assunto é compreender como a Bíblia pode ser, ao mesmo tempo, palavra divina e palavra humana.

PALAVRAS-CHAVE: Bíblia. Inspiração. Fundamentalismo. Liberalismo. Revelação.

Abstract

This paper outlines some considerations about the theological problems originated by the concept of inspiration. It summarizes three general tendencies which appear when we want to understand how the Holy Bible is at the same time divine and human word.

KEY WORDS: Bible. Inspiration. Fundamentalism. Liberalism. Revelation.

Aproximar-se do conceito de “inspiração” sempre foi um desafio para a teologia de todas as épocas. Mesmo tendo consciência da dificuldade da tarefa, a teologia tem presente o fato da inspiração, pois é Deus mesmo que se revela, no decorrer do processo histórico, ao ser humano em linguagens acessíveis a esse homem, enquanto ouvinte da

* O presente artigo resultou da pesquisa realizada para a dissertação de mestrado, sob a orientação do Prof. Eduardo da Silva Santos, doutor em Teologia, professor da FATEO-PUCRS.

<i>Teocomunicação</i>	Porto Alegre	v. 37	n. 158	p. 537-551	dez. 2007
-----------------------	--------------	-------	--------	------------	-----------

Palavra. E essa relação que se forma entre Deus e o homem, fruto da Revelação divina, é escrita num processo de transmissão para que chegue a todos, em todas as épocas.

Essa origem fontal da Escritura baseada em Deus e, de alguma forma, mediada pela figura do hagiógrafo, ou escritor sagrado, comumente é chamada de inspiração. Claro que ela tem que ser mais bem-compreendida por aqueles que são os destinatários da Revelação, ou seja, as pessoas e as comunidades. Compreender melhor como isso ocorre é o propósito deste artigo. A Bíblia é considerada sagrada exatamente porque as pessoas concebem que ela é Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo e como tal guarda a mensagem de Deus ao seu povo.¹

O que mais interessa é buscar alguns contornos daquilo que podemos compreender como sendo a noção católica de inspiração, evitando-se qualquer hermetismo conceitual. Assim será possível estabelecer suas conexões com o mistério da Revelação e então vislumbrar os limites e as possibilidades de diálogo entre distintas compreensões de inspiração.

Na vida eclesial da atualidade, em geral, há uma aceitação de que a Bíblia é inspirada por Deus. Em *2Tm* 3, 16-17, há uma afirmação de que toda a Escritura inspirada por Deus tem utilidade singular para a vida do ser humano, a fim de que este, recebendo a comunicação de Deus, seja mais fiel a ele e assim possa ser melhor em sua própria vida. Este valor prático da Escritura deriva-se do poder que ela tem em si mesma.

Esse poder vem da convicção de que esta é inspirada por Deus. Parece que esta afirmação foi aceita sem maiores problemas até ao século XVI. Segundo Gottfried Brakemeier, foi a Reforma que re-colocou esse assunto em pauta quando, ao questionar a autoridade magisterial da Igreja, o fez buscando a autoridade da Bíblia afirmando o “*magistério da Escritura*”.²

Enquanto a exegese antiga e medieval pensava, com naturalidade, que todas as verdades de fé e de costume na Igreja se encontravam, no mínimo, de maneira implícita, na Escritura, o iluminismo trouxe con-

¹ Este artigo opta por não entrar na questão teológica do “Cânon” das Escrituras, mesmo considerando que o problema da inspiração lhe é subjacente. Trata-se de questão antiga na história eclesial e de grande importância para o diálogo ecumênico e inter-religioso. Antes, se aceitam previamente os escritos confeccionados na chamada era apostólica como determinantes e normativos para aquilo que chamamos Escritura.

² BRAKEMEIER, Gottfried. *A Autoridade da Bíblia: Controvérsias, Significado, Fundamento*. São Leopoldo: Sinodal/CEBEI, 2003, p. 34.

trovérias e discussões sobre o tema da inspiração da Bíblia. O racionalismo liberal e o humanismo impulsionaram a busca da verdade, por meio de explicações pretensamente científicas e racionais, ao abordar o estudo bíblico.

Houve mesmo radicais afirmações, no sentido de negar a inspiração de Deus na Bíblia, ao dizer que o ser humano pode encontrar Deus unicamente através de suas capacidades e de estudos “científicos” das Escrituras. Houve mesmo uma tendência de separar o que era considerado Palavra de Deus e o que era palavra humana, a partir de um processo de “desmitologização” dos textos bíblicos, fazendo-se, para isso, um uso ostensivo da ciência.

O Papa João Paulo II afirmava, ao comentar as Encíclicas *Providentissimus Deus* e *Divino Afflante Spiritu*, que a exegese católica rejeita os extremos da ruptura entre o divino e o humano, entre a investigação científica e o olhar da fé, entre o sentido literal e o sentido espiritual. Diz que a exegese católica deve estar em harmonia com o mistério da encarnação.³

Ainda hoje se verifica a necessidade de aprofundar esse tema, em função do fenômeno do fundamentalismo bíblico⁴ existente em grande parte das tradições eclesiais, com ou sem apoio institucional. Percebe-se, com nitidez, que “o termo inspiração necessita de explicação”,⁵ visto ser o mesmo suscetível das mais diversas interpretações, ao longo da história e ainda hoje.

O capítulo III da *Dei Verbum* ensina que “a Revelação que a Sagrada Escritura contém e oferece foi escrita sob a inspiração do Espírito Santo”,⁶ assim quer-se buscar uma elucidação maior do sig-

³ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação Bíblica na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 11.

⁴ “Atitude típica de algumas Igrejas livres protestantes e de ambientes religiosos conservadores, que identificam a Palavra de Deus com uma interpretação absolutamente literal do texto bíblico. O fundamentalismo rejeita, por conseqüência, todo o tipo de crítica histórico-literária dos escritos bíblicos, fazendo uma aplicação da Bíblia aos problemas éticos, científicos e sociais de hoje, sem nenhuma mediação cultural” (cf. ASSOCIAÇÃO LAICAL DE CULTURA BÍBLICA, *Vademecum para o estudo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 42).

⁵ BRAKEMEIER, Gottfried. *A Autoridade da Bíblia: Controvérsias, Significado, Fundamento*, p. 33.

⁶ Cf. ARENAS, Octávio. *Jesus, Epifania do Amor do Pai: Teologia da Revelação*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 233.

nificado dessa inspiração na Bíblia. Para realizar esse intento, serão abordadas sucintamente pelo menos três tendências teóricas vigentes sobre o tema.⁷

A primeira concebe a Bíblia como sendo totalmente divina. Afirma que Deus interveio diretamente no ato da inspiração bíblica. Esta seria literalmente ditada ao escritor, e seu resultado estaria livre da contribuição humana. Baseia-se no pressuposto de que uma intervenção direta e sobrenatural de Deus se encontra em ação, enquanto o ser humano atua de maneira mecânica com pouca, ou mesmo sem consciência reflexiva daquilo que está fazendo.

A segunda tendência vê a Bíblia como produto somente da pessoa humana. A influência do liberalismo radical vê e trata o texto bíblico como produto exclusivamente humano e sem participação da sobrenaturalidade no processo histórico de confecção do texto bíblico.

A terceira tendência vê a Bíblia como resultado da ação divina e humana. A Bíblia ocorre como resultado das ações divina e humana. Deus acontece na historicidade humana e é em meio a esse processo que ele se manifesta, mesmo com todas as contingências humanas, a partir do modo humano de compreender a Deus. Logo, concebe o texto bíblico como produto da simultaneidade entre o divino e o humano. É uma abordagem conjuntiva e não disjuntiva.

A bíblia como “totalmente divina”

Conceber a Bíblia como totalmente divina, ou portadora da palavra de Deus em estado puro, é algo ainda bastante presente e visível na vida eclesial. É o chamado “literalismo” ou fundamentalismo bíblico. Este parte do pressuposto de que a Bíblia, por ser a palavra de Deus e inspirada por ele, é isenta de todo e qualquer erro e que como tal deve ser lida e interpretada.⁸ Não leva em consideração a história e os méto-

⁷ Cf. CUYATTI, Patrícia. *Bíblia y Hermenéutica*. Lima: Proceso Cairos, 2003, p. 14-15.

⁸ “As Escrituras Sagradas, sendo a própria Palavra de Deus, escritas por homens preparados e supervisionados por Seu Espírito, possuem autoridade divina infalível em todos os assuntos que abordam: devem ser cridas, como instrução divina, em tudo o que afirmam; obedecidas, como mandamento divino, em tudo o que determinam; aceitas, como penhor divino, em tudo que prometem.

O Espírito Santo, seu divino Autor, ao mesmo tempo no-las confirma através de Seu testemunho interior e abre nossas mentes para compreender seu significado. Tendo sido na sua totalidade e verbalmente dadas por Deus, as Escrituras não possuem erro ou fa-

dos de interpretação que exigem esforços críticos, tanto científicos quanto literários na interpretação das Sagradas Escrituras.

O fundamentalismo surgiu em ambiência protestante e católica como uma reação contra a exegese liberal. Grupos de cristãos conservadores chamaram a si próprios de fundamentalistas, quando publicaram uma série de textos com edição maior que três milhões de exemplares chamados *Os fundamentais – um testemunho em favor da verdade*.⁹ Diante da crítica bíblica desenvolvida por uma teologia orientada pelo método histórico-crítico, os fundamentalistas afirmavam que os conteúdos da fé, da maneira como eles os concebiam, as verdades, deviam estar protegidos e “imunes à ciência e à relativização por meio do método histórico-crítico”.¹⁰ Nesse caso, de acordo com Martin Dreher:

a visão de história do Fundamentalismo olha para o tempo em que se vivia de acordo com a vontade de Deus, mira o futuro escatológico e apocalíptico e apresenta uma possibilidade de interpretação e absorção do presente. Em sua crise, o presente é prenúncio de salvação que vem em sua garantia, justamente por causa dos sinais de sua decadência.¹¹

Desse modo, pode-se dizer que para a tendência fundamentalista de interpretação da Bíblia, existe a convicção de que a interpretação verdadeira da Bíblia é a exercida pelos próprios fundamentalistas, ao passo que as distintas interpretações estão erradas.

lha em tudo o que ensinam, quer naquilo que afirmam a respeito dos atos de Deus na criação e dos acontecimentos da história mundial, quer na sua própria origem literária sob a direção de Deus, quer no testemunho que dão sobre a graça salvadora de Deus na vida das pessoas” (cf. www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm).

⁹ “O termo ‘fundamentalista’ é ligado diretamente ao Congresso Bíblico Americano realizado em Niágara, Estado de New York, em 1895. Os exegetas protestantes conservadores definiram nele ‘cinco pontos de fundamentalismo’: a inerrância verbal da escritura, a divindade de Cristo, seu nascimento virginal, a doutrina da expiação vicária, e a ressurreição corporal quando da segunda vinda de Cristo. Logo que a leitura fundamentalista da Bíblia se propagou em outras partes do mundo, ela fez nascer outras espécies de leituras, igualmente ‘literalistas’, na Europa, Ásia, África e América do Sul. Esse gênero de leitura encontra cada vez mais adeptos, no decorrer da última parte do século XX, em grupos religiosos e seitas assim como também entre os católicos” (cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação Bíblica na Igreja*, p. 83).

¹⁰ DREHER, Martin. *Bíblia: Suas leituras e interpretações na História do Cristianismo*. São Leopoldo: CEBEI/Sinodal, 2006, p. 153.

¹¹ *Ibid.*, p. 153.

Por julgar ter o auxílio do Espírito Santo na confecção e interpretação das Escrituras, estas simplesmente não erram, ao pronunciar seu juízo sobre qualquer assunto.¹² A tendência fundamentalista de interpretação bíblica tem caráter apologético contra ameaças externas, ao que compreendem ser a “sacralidade” das Escrituras.

No Fundamentalismo temos, em primeiro lugar, oposição e reação contra transformações da religião determinadas pela Modernidade. O fundamentalista quer defender sua verdade religiosa, que vê ameaçada pelos “poderes” da Modernidade, designados de pluralismo, relativismo, historicismo e destruição de autoridades.¹³

Pode-se dizer, nesse sentido, que, houve, historicamente, uma certa simpatia ecumênica, quando o assunto foi defender¹⁴ a noção de inspiração bíblica contra os ataques do racionalismo radical. O próprio Concílio Vaticano I diz que os escritos bíblicos contêm a Revelação sem erros. Mas, a partir de Leão XIII, no combate ao Modernismo, há um aumento da idéia de uma absoluta inerrância bíblica, mesmo que seja em assuntos históricos e científicos.¹⁵ Nesse contexto, o mesmo papa, segundo Schökel, recomenda a Sagrada Escritura como um “arsenal” de doutrina.¹⁶

¹² Para ter-se uma idéia mais clara e precisa sobre o significado e o conceito fundamentalista acerca da inerrância bíblica pode-se conferir a “Declaração de Chicago sobre a Inerrância da Bíblia, in www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm

¹³ DREHER, Martin. *Bíblia: Suas leituras e interpretações na História do Cristianismo*, p. 154.

¹⁴ “Os fundamentalistas viam-se como contra-ofensiva a um Modernismo que, assim diziam, havia se apossado do mundo protestante. Particularmente, esse fundamentalismo primeiro entendia-se como contra-ofensiva a uma teologia orientada pelo método histórico-crítico, que estava interpretando os conteúdos da fé, especialmente os textos bíblicos, a partir de uma perspectiva histórico-crítica. O protestantismo, esse o seu pecado, estava se aliando à ciência moderna. Frente a esse Modernismo, os fundamentalistas opuseram seus ‘fundamentals’ (fundamentais). Fundamentals eram os conteúdos da fé, verdades absolutas e intocáveis que deviam ficar imunes à ciência e à relativização por meio do método histórico” (DREHER, Martin. *Bíblia: Suas leituras e interpretações na História do Cristianismo*, p. 153).

¹⁵ KÜNG, Hans. *Teologia a Caminho: fundamentação para o diálogo ecumênico*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 73.

¹⁶ SCHÖKEL, Luis Alonso. *A Palavra Inspirada: A Bíblia à luz da ciência da linguagem*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 217.

Em função de salvaguardar, não só a autoria divina das Escrituras, mas também a própria inerrância dos textos bíblicos,¹⁷ em 1893, a Encíclica *Providentissimus Deus*, primeiro documento do Magistério ordinário, que intenta uma descrição sobre a natureza da inspiração,¹⁸ afirma:

Por isso, não tem sentido dizer que o Espírito Santo se tenha servido de homens como de instrumentos para escrever, como se o autor secundário (*scriptoribus inspiratis*), e não ao Autor principal, se lhe pudesse ter escapado algum erro. Porque foi Ele mesmo quem, por virtude sobrenatural própria, de tal modo os impeliu e moveu a escrever, de tal modo os assistiu enquanto escreviam, que retamente tinham que conceber em seu espírito e fielmente querer escrever, e com propriedade e verdade infalível, expressar tudo aquilo e só aquilo que Ele mesmo lhes mandara (escrever): caso contrário, não seria Ele o Autor da Sagrada Escritura.¹⁹

É interessante notar aqui a distinção tomista²⁰ entre Autor principal e autor secundário. Evidentemente essa noção distintiva entre a dupla autoria da Escritura já poderia permitir dizer que essa abordagem não poderia ser caracterizada como uma unilateralidade em relação à autoria da Bíblia. Ainda que haja um chamado Autor principal, a ação humana poderia ser considerada no processo de confecção da Bíblia. Restaria estabelecer em que nível se dá essa participação humana no fenômeno da inspiração, visto que parece que aqui o autor secundário, isto é o homem, agiu como um simples instrumento, com pouca ou nenhuma consciência reflexiva acerca do que lhe ocorria no

¹⁷ A respeito do contexto intelectual conflitivo sobre essa questão sugere-se a leitura das idéias de Maurice D'Hulst e outros presentes no livro de Valério MANNUCCI. *La Biblia como Palavra de Dios: Introducción General a la Sagrada Escritura*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1997, p. 228-231.

¹⁸ MANNUCCI, Valério. *La Biblia como Palavra de Dios*, p. 148.

¹⁹ Encíclica *Providentissimus Deus*. Apud COLLANTES, Justo. *A Fé Católica: Documentos do Magistério da Igreja*. Goiás: Diocese de Anápolis, 2003, p. 1142.

²⁰ “Según S. Tomás, ‘el autor principal de la Sagrada Escritura es el Espíritu Santo; el hombre es su autor instrumental’. La frase citada se encuentra ocasionalmente en relación con una ‘quaestio’ acerca del múltiple significado (sentido) de la Escritura, en la cual S. Tomás no afronta directamente el carisma de la inspiración, ni elabora una teología sobre este tema” (MANNUCCI, Valério. *La Biblia como Palavra de Dios*, p. 141).

ato de escrever. Vale assinalar que, mesmo que essa terminologia não intente anular a participação do humano nesse processo, essa analogia permite que exista uma interpretação passível de ser caracterizada como um certo “monofisismo escriturístico”.²¹

Parece que, para a *Providentissimus Deus*,²² a inspiração das Escrituras, por terem sua origem em Deus, não podem conter erro algum, porque Deus é Verdade Suprema e jamais é autor de erro algum.²³ Para Hans Küng, essa compreensão de inspiração faz o autor dos livros bíblicos se converter em uma espécie de estereótipo a-histórico, por meio do qual o Espírito Santo pode ditar diretamente tudo. Novamente é necessário dizer que a idéia do ditado é uma fórmula que, com freqüência, se converte em monofisismo bíblico.²⁴

Cada palavra, portanto, é perfeição e inerrância do próprio Deus. Exclui-se o erro e a imperfeição dos autores humanos.²⁵ Para Karl Ranher, mesmo Leão XIII e Pio XII buscaram explicar a inspiração mediante teorias psicológicas²⁶ – o próprio Deus é o autor literário da

²¹ “Los Padres admiten una participación activa de las capacidades espirituales e intelectuales del profeta, sublimadas mas no anuladas por el carisma del Espíritu” (MANNUCCI, Valério. *La Biblia como Palabra de Dios*, p. 137).

²² “A Encíclica *Providentissimus Deus* apareceu em uma época em que a exegese católica procurava ainda com dificuldade seu caminho em face dos graves problemas colocados pela crítica independente” (LEVIE, Jean. *A Bíblia: mensagem de Deus em palavras humanas*. São Paulo: Paulinas, 1963, p. 66).

²³ Encíclica *Providentissimus Deus*. Apud COLLANTES, Justo. *A Fé Católica: Documentos do Magistério da Igreja*, p. 163.

²⁴ “Pero, a partir del Concilio de Trento se fue abrindo camino la concepción de un dictado puro y total, que convertía al hagiógrafo en un simple amanuense [...]. No será casual que la expresión ‘dictado’ no aparezca ya en las definiciones conciliares a partir del Vaticano I” (MANNUCCI, Valério. *La Biblia como Palabra de Dios*, p. 139).

²⁵ Cf. KÜNG, Hans. *Teologia a Caminho*, p. 72.

²⁶ “A Encíclica sublinha, portanto, o alcance dessa moção divina, dividindo-a segundo as três etapas psicológicas que a composição de um livro sagrado requer: o Espírito Santo agiu sobre a inteligência do autor humano para que concebesse o que Deus lhe mandara escrever; sobre sua vontade para que se decidisse a escrever com fidelidade; sobre suas faculdades executivas (operativas), para que esse se expressasse de modo conveniente. Todo esse desenvolvimento teológico se orientava para a explicação e defesa da inerrância. Com efeito, o Deus autor influencia o entendimento do hagiógrafo mediante uma iluminação sobrenatural, move eficazmente sua vontade e contribui com sua assistência para a tarefa da redação, é lógico que toda a Bíblia está isenta de erro” (ARENAS, Octávio Ruiz. *Jesus, Epifania do Amor do Pai: Teologia da Revelação*, p. 243).

Escritura –, bem como formular e ilustrar a doutrina da inspiração de maneira que Deus surja como autor literário dos escritos bíblicos.²⁷

Assim, a inerrância bíblica, quando considerada de maneira absoluta, parece conduzir, conseqüentemente, ao fundamentalismo hermenêutico. Segundo o documento *Interpretação da Bíblia na Igreja*, o fundamentalismo tem uma grande estreiteza de visão ao aplicar à realidade atual uma cosmologia já ultrapassada só porque esta se expressa na Bíblia.

O iluminismo, conforme o filósofo da religião John Hick,²⁸ gerou o que ele chama de “dissonância cognitiva” em relação à cosmovisão antiga, através dos novos conhecimentos advindos da ciência. Isso provocaria uma dificuldade muito grande de pessoas com pressupostos mentais e recursos cognitivos diversos de um tempo e lugar específicos de compreender um pensamento elaborado em outro contexto cognitivo tão distinto. Parece que o fundamentalismo tem essa pretensão. O fundamentalismo identifica a Palavra de Deus com a Bíblia e, segundo Paul Tillich, essa identificação leva a uma interpretação errônea da doutrina bíblica da Palavra.²⁹

Essa leitura e concepção cosmológica a-críticas impedem o diálogo com a cultura e a fé, além de usarem a Bíblia para, muitas vezes, justificar posturas antievangélicas, sendo, dessa maneira, antieclesiais. Trata-se, segundo a interpretação da Bíblia na Igreja, de leitura enganadora e perigosa.³⁰ Trata-se, portanto, da única postura interpretativa veementemente tratada como sendo inadequada para a Igreja Católica, em meio a uma diversidade de meios de que ela pode dispor de maneira livre e cuidadosa.

A bíblia como “totalmente humana”

Considerar a Bíblia como algo total e exclusivamente humano parece que foi uma das tendências do racionalismo protestante do século XIX, ao desconsiderar “o jogo de Deus e do Espírito Santo na Bíblia”. Esse racionalismo radical parece existir como conseqüência

²⁷ Cf. RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 434s.

²⁸ HICK, John. *A Metáfora do Deus Encarnado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970, p. 13.

²⁹ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Paulinas/Sinodal, 1984, p. 136.

³⁰ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação Bíblica na Igreja*, p. 86.

lógica da tendência anterior, de muitas vezes a Bíblia ter sido tratada como produto divino em detrimento do humano.³¹

A tendência racionalista de interpretação bíblica tem raízes anteriores ao século XIX, embora ali encontre seu apogeu. Surge no século XVII e busca procurar o sentido literário original do texto, valendo-se dos mecanismos ao alcance da razão e, muitas vezes, diminuindo ou até ignorando a questão da inspiração na Escritura.

Essa tendência racionalista de interpretação da Bíblia é como um grande rio por onde navegaram, ao longo da história mais recente do Ocidente, muitos nomes ilustres e que tem como característica fundamental afirmar a primazia da razão em detrimento da fé.³²

Para Sanchez Caro, são três as características hermenêuticas que caracterizam a exegese liberal: “Confiança na razão e nos métodos de análise literária; aceitação do sistema filosófico e científico do momento (idealismo hegeliano, evolucionismo, positivismo, historicismo) bastante acriticamente, e inevitável separação de exegese e teologia”.³³

Assim fica evidente que há uma tendência de não só minimizar a participação do influxo do Espírito Santo na inspiração dos hagiógrafos, mas até mesmo de considerar a Escritura como uma literatura religiosa entre outras,³⁴ sendo passível de crítica, muitas vezes des-

³¹ MANNUCCI, Valério. *La Biblia como Palavra de Dios*, p. 139.

³² Esta pesquisa oferece alguns nomes e obras célebres que representam o rio racionalista supracitado e que percorre vários séculos até hoje: o judeu Baruch Spinoza (*Tratado Teológico Político*, 1670); o católico Richard Simon (*História Crítica do Antigo Testamento*, 1678); Jean Turretini (1671-1737, *Tratado Sobre o Método de Interpretação da Sagrada Escritura*); Immanuel Kant (1724-1804); Considerado um dos pais do Método Histórico Crítico é Johan Semler (*Instituição de uma Maneira mais Liberal de Aprendizado da Doutrina Cristã*, 1774); Samuel Reimarus (1694-1768); Gotthold Lessing (*A Educação da Raça Humana*); Wilhelm Friedrich Hegel (1870-1831); Ferdinand Christian Baur (1792-1860); David Friedrich Strauss (*Vida de Jesus*, 1835); No enciclopédismo francês destacam-se Denis Diderot e Jean D’Alembert (*Encyclopédia*); Jean-Jacques Rousseau (*Emílio e Contrato Social*); Johan Pestalozzi (*Como Gertrudes Ensina seus Filhos*); J. G. Eichhorn (*Introdução ao Antigo Testamento*); J. Astruc (*Prolegômenos à História de Israel*); Julius Wellhausen (1844-1918); Notáveis são também nomes como Albrecht Ritschl (1822-1889); Adolf von Harnack (1851-1930); Ernst Troeltsch (1865-1923).

³³ Cf. CARO, J. M. Sanchez. *Hermenêutica Bíblica e Metodologia Exegética*. In *Bíblia e Palavra de Deus*, p. 256.

³⁴ Cf. ARENAS, Octávio. *Jesus, Epifania do Amor do Pai: Teologia da Revelação*, p. 242.

comprometida de qualquer compromisso com a eclesialidade, lugar de onde a Escritura brotou.³⁵

É no contexto dos ataques críticos da exegese racionalista que surgiu a Encíclica *Providentissimus Deus*. Segundo João Paulo II,³⁶ contra as ofensivas da exegese liberal, essa Encíclica poderia ter lançado anátema contra a utilização dos métodos de análise científica de interpretação bíblica. Não foi o que aconteceu. Antes houve um estímulo ao aprofundamento, tanto das línguas bíblicas antigas quanto ao exercício da crítica científica, livre de opiniões preconcebidas que, presumidamente científicas, destroem os fundamentos da fé.

Para João Paulo II, o trabalho intelectual do exegeta deve contemplar a vida espiritual e, sem esse fundamento, a própria investigação exegética permanece incompleta, perdendo de vista sua finalidade principal e limitando-se a tarefas secundárias. Para ele, o estudo científico apenas dos aspectos humanos do texto bíblico pode fazer a pessoa esquecer que a Palavra de Deus convida cada um a sair de si pra viver uma vida aberta ao amor e à caridade.³⁷ Que o estudo não deve ficar unicamente no próprio estudo como mera curiosidade intelectual.

Portanto, pode dizer-se que, a partir do ambiente crítico, advindo da exegese racionalista liberal, a própria Igreja é constantemente desafiada a oferecer uma resposta qualificada também em nível crítico. Essa tensão estimula o pensamento e faz compreender aos católicos a necessidade de um estudo mais aprofundado do próprio cristianismo na história.³⁸ A fé não prescinde da razão nem a diminui, mas, antes, a ilumina. Assim, ela é assumida positivamente e leva o crente a uma maior comunhão consigo mesmo e com o objeto de sua fé, Deus.

³⁵ “Aos conflitos com a realidade científica se acrescentaram, no século XIX, outros mais perigosos. A história acabava de nascer como ciência com uma metodologia que procurava uma vinculação epistemológica rigorosa entre o documento e a verdade histórica. Isso trouxe como consequência a utilização da história e da crítica como princípios de verificação e controle da verdade dos enunciados bíblicos, submetidos à comprovação científica a partir de uma compreensão literal estrita” (ARTOLA, Antônio. *A Inspiração Bíblica*. In *Bíblia e Palavra de Deus*, p.209).

³⁶ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação Bíblica na Igreja*, p. 9.

³⁷ *Ibid.*, p. 16.

³⁸ Cf. LEVIE, Jean. *A Bíblia: mensagem de Deus em palavras humanas*, p. 37.

A bíblia como produto divino e humano

A última tendência que se quer apresentar é aquela que concebe a conjugação entre o divino e o humano, no processo de formação das Escrituras. Essa concepção encontra boa expressão, através da Encíclica *Divino Afflante Spiritu*, e está intimamente ligada ao mistério da Encarnação.³⁹

Precisamente essa Encíclica está preocupada em proteger a interpretação católica da Bíblia daqueles que querem opor-se ao uso dos meios científicos de interpretação da mesma.⁴⁰

O documento quer assinalar o caráter de “simultaneidade” presente na Escritura, enquanto produto do humano e do divino como verdadeiros autores. *A Interpretação da Bíblia na Igreja* diz:

Mais importante ainda, a exegese católica não dedica só sua atenção aos aspectos humanos da Revelação bíblica, o que por vezes é o erro do método histórico-crítico, nem apenas aos aspectos divinos, como quer o fundamentalismo, ela esforça-se por realçar uns e outros, unidos na divina “condescendência” (*Dei Verbum* 13), que está na base da Escritura inteira.⁴¹

Parece que a terceira tendência, a de buscar associar o humano e o divino, coincide com a posição católica. O carisma da inspiração divina está em função de algo. Esse “algo” é a própria encarnação de Deus na pessoa de Jesus Cristo.⁴² Deus encarna-se na vida humana na pessoa de Jesus, com todas as implicações e discussões advindas desse mistério da fé cristã e, de maneira análoga, pode-se dizer, com Johan Konings, que a Palavra se faz Livro.⁴³

³⁹ “Em sentido bíblico paulino, é o desígnio divino de salvação que vai se realizando na história em eventos e palavras intimamente relacionados. Cristo é a plenitude desse mistério. Mistérios da vida de Jesus: eventos particulares da história do Nazareno, prenhes de significado revelador salvífico” (FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus, Deus na história: ensaio de uma cristologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 357).

⁴⁰ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação Bíblica na Igreja*, p. 8.

⁴¹ *Ibid.*, p. 21.

⁴² Constituição Dogmática *Dei Verbum*, n. 4.

⁴³ “Digo isso por duas razões. Primeiro, porque a comunicação humana é imperfeita. Sempre há ‘ruídos’ na transmissão, quer provenham do emissor, do transmissor ou do receptor. O surdo-mudo não ouvia a voz de Jesus, os discípulos – Pedro em primeiro lugar – não lhe percebiam o sentido... Segundo, porque hoje só temos Escritura. Jesus não está aqui para explicar suas palavras (cf. *Jo* 16, 4). Só temos o texto consignado por

Certamente essa simultaneidade presente no ato de dizer que a Bíblia é, ao mesmo tempo, palavra humana e divina levanta uma série de questões que se tornam desafio perene para a teologia cristã. Pode-se questionar sobre o grau de compreensão que existe, quer do humano, quer do divino, para precipitadamente optar, como por vezes ocorre, por excluir uma dessas dimensões, conforme descrito nos itens anteriores desta pesquisa.

Atente-se, nesse sentido, ao que diz Brakemeier:

A dificuldade de dar resposta simples reside no que poderíamos chamar de “dupla natureza” da Bíblia: Ela é um livro histórico e normativo. Ela é “Bíblia” e “Sagrada Escritura”. Ela é simultaneamente palavra de pessoas humanas e palavra de Deus. Se a Bíblia nada mais fosse do que uma interessante coleção de textos religiosos do passado, ela perderia sua normatividade. Iria submergir na grande quantidade de outros “livros sagrados”, produzidos ao longo da história. Reduzir-se-ia a apenas um exemplar, embora ilustre, dessa categoria. Se, inversamente, a Bíblia for um livro especial, em tudo desigual de outra literatura, passaria a ser um livro miraculoso, ímpar, não permitindo aproximação com os métodos comuns.⁴⁴

Brakemeier fala de simultaneidade, de normatividade e aponta para a discussão que vem sendo tratada aqui: as tendências de optar por uma das dimensões, humana ou divina, em detrimento da outra. Parece que o autor consegue aduzir, com clareza e precisão, o estatuto da questão em uma verdadeira convergência ecumênica em relação à posição católica que nesse assunto deve buscar uma verdadeira síntese no “equilíbrio e moderação”.⁴⁵

escrito, e isso nem sequer na língua que Jesus falava. O som das palavras de Jesus se perdeu. Nem sequer podemos ter a certeza quanto ao sentido que o evangelista quis dar a cada palavra; o evangelista também sumiu. Quem nos fala hoje é o texto, que passou por todas as vicissitudes da comunicação escrita, desde erros de ortografia até à perda de páginas...” (cf. KONINGS, Johan. *A Palavra se fez Livro*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 12-13).

⁴⁴ BRAKEMEIER, Gottfried. *A Autoridade da Bíblia: Controvérsias, Significado, Fundamento*, p. 15-16.

⁴⁵ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação Bíblica na Igreja*, p. 20.

A Encíclica *Divino Afflante Spiritu* oferece boas luzes a esse desafio de compreensão, em diversos momentos.⁴⁶ Ao valorizar o estudo das línguas bíblicas e de outros idiomas orientais, a fim de permitir e favorecer os esforços humanos de compreensão do texto bíblico, por meios humanos, como a ciência literária, valoriza, na exegese, a história, a arqueologia, a filologia e outras disciplinas semelhantes, ao mesmo tempo que incentiva a busca pelo sentido literal e espiritual dos textos. Afirma que o hagiógrafo, mesmo sendo instrumento do Espírito Santo, o é vivo e racionalmente. Que este escreve, a partir de sua própria situação social, e que, para compreender o texto, deve-se mesmo estudar a índole do hagiógrafo.

Para essa Encíclica,

ninguém que tenha um conceito justo da inspiração bíblica poderá estranhar que também nos autores sagrados, como nos outros antigos, se encontrem certos modos de expor e contar, certos idiotismos próprios especialmente das línguas semíticas, certas expressões aproximativas ou hiperbólicas e talvez paradoxais, que servem para gravar as coisas mais firmemente na memória.⁴⁷

Isso significa que, apesar dos limites da linguagem humana, é exatamente nesta e por esta que Deus fala. Isso não deve causar estranheza para quem tem um conceito justo, pode-se dizer equilibrado, da inspiração de Deus. Para acentuar mais ainda essa justa inspiração, a Encíclica continua:

Nenhum dos modos de falar de que entre os antigos e especialmente entre os orientais servia a linguagem para exprimir o pensamento, pode dizer-se incompatível com os Livros Santos, uma vez que o gênero adotado não repugne à santidade e verdade de Deus. Advertiu-o já o Doutor Angélico, com sua costumada perspicácia, por estas palavras: “Na Escritura as coisas divinas nos são apresentadas ao modo usual, humano”. Como o Verbo substancial de Deus se fez semelhante aos homens em tudo “exceto o pecado”, assim também a palavra de Deus, expressa em línguas humanas, assemelhou-se à linguagem humana, exceto o erro.⁴⁸

⁴⁶ Cf. LEVIE, Jean. *A Bíblia: mensagem de Deus em palavras humanas*, p. 138.

⁴⁷ *Divino Afflante Spiritu*. Como Ler e Entender a Bíblia Hoje: Textos Oficiais da Igreja, p. 32.

⁴⁸ Idem.

Desse modo, é possível dizer que o modelo analógico, para a compreensão da inspiração, é a lógica do dogma da Encarnação. Assim como é no homem Jesus que o cristão deve reconhecer o Filho de Deus, o Verbo eterno, e todo docetismo afasta da verdade cristã, é em palavras humanas que Deus fala aos homens na Escritura e, também aqui, deve-se evitar uma espécie de docetismo bíblico que não permitiria perceber o valor e a profundidade da Palavra de Deus expressa e comunicada nas palavras acessíveis ao ouvir e agir humanos.

No seu número 13, a *Dei Verbum* atesta, parafraseando João Crisóstomo, que essa “acomodação” da linguagem divina é devida a sua própria benignidade e condescendência com o ser humano. Diz que “as palavras de Deus, expressas por línguas humanas, se fizeram semelhantes à linguagem humana, tal como outrora o Verbo do Pai Eterno, havendo assumido a carne da fraqueza humana, se fez semelhante aos homens”.⁴⁹ Este é, por certo, um tema para aprofundar na Teologia da Revelação.

Portanto, a *Dei Verbum* ratifica e explicita o pensamento presente na Encíclica *Divino Afflante Spiritu*. Pode-se afirmar que a Bíblia é, ao mesmo tempo, Palavra Divina e humana, enquanto testemunho dessa experiência de Deus posta por escrito para ajudar os seus leitores a crer que Deus fala, através das mediações humanas, passíveis de compreensão. Precisamente em compreender como isso ocorre é que pode ser considerado um dos grandes desafios dos teólogos.

⁴⁹ Constituição Dogmática *Dei Verbum*, n. 13.